

O Cardeal Gerhard Müller, um dos representantes da ala mais conservadora da Cúria, veio lembrar: ***“Que não haja confusões! Não temos dois Papas, existe apenas um, FRANCISCO. Diz-se Papa emérito por cortesia, mas na realidade Bento XVI é bispo emérito [de Roma]”***.



um papa é o suficiente

Cardeal Sarah, Papa emérito e Francisco

1. Julgo que nunca no Vaticano a Cúria tinha ouvido tais denúncias como as que tem ouvido da parte do Papa Francisco. Que “a corte é a peste do Papado”, que sofre de doenças terríveis como “sentir-se imortal, indispensável”, “uma Cúria que não se autocritica, que não procura melhorar é um corpo doente”, “a fossilização mental e espiritual”, “Alzheimer espiritual”, “a rivalidade e a vanglória”, a doença da “esquizofrenia existencial”, que é a de “quem vive uma vida dupla”, a doença dos “rumores, mexericos, murmurações, má língua”, que pode levar ao “homicídio a sangue frio”, a doença de “divinizar os chefes”...

Estas foram as críticas elencadas logo na saudação natalícia de 2014. Têm-se sucedido ao longo dos anos. Neste Natal, Francisco avisou de modo frontal: “Hoje não somos os únicos que produzem cultura, nem os primeiros, nem os mais escutados”. Mais: “Já não estamos num regime de cristianismo, porque a fé, especialmente na Europa, mas inclusivamente em grande parte do Ocidente, já não constitui um pressuposto óbvio, e ela até é frequentemente negada, gozada, marginalizada e ridicularizada.” Por isso, concluiu, citando o cardeal Carlo Martini, outro jesuíta, que foi arcebispo de Milão: “A Igreja anda com duzentos anos de atraso. Porque não se mexe? Temos medo. Medo em vez de coragem? No entanto, o cimento da Igreja é a fé, a confiança, a coragem... Só o amor vence o cansaço.”

2. Mas a Cúria não está na disposição de mudar, tudo indica. A última bomba-escândalo girou e gira à volta de um livro do Cardeal Robert Sarah, prefeito da Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos, nascido na Guiné Conacri há 72 anos, que tentou associar como co-autor da obra o Papa emérito. Tem como título, no original francês, *Des profondeurs de nos coeurs* (Do fundo dos nossos corações), e na capa aparecem Bento XVI e o cardeal Robert Sarah como co-autores.

Diga-se, logo de entrada, que Bento XVI já não existe como Papa e veremos que também não há justificação nenhuma para se chamar Papa emérito. Pode, pois, compreender-se o imbróglío causado por esta publicação enganosa. Não é de modo nenhum vontade minha entrar aqui na descrição da confusão causada por este verdadeiro folhetim de péssimo gosto e com toques de ridículo, que envolveu avanços e recuos, afirmações e desmentidos, e que apenas tem por efeito causar ainda maior descredibilização da Igreja. O que parece claro é que, a pouca distância temporal da publicação da Exortação prometida pelo Papa Francisco após o Sínodo de Março passado sobre a Amazónia, que terá em atenção as conclusões por quase unanimidade da vontade sinodal de que o Papa autorize a ordenação de homens casados e que dê o devido lugar à mulher na Igreja, se quis influenciar negativamente Francisco para que trave o que o Sínodo claramente propôs. Aliás, desse modo, travar-se-ia também o caminho sinodal da Igreja Alemã, que vai no mesmo sentido.

Para terminar com a confusão, o secretário particular do Papa emérito,

arcebispo Georg Gänswein, veio afirmar no passado dia 14 que este “não tinha aprovado nenhum projecto para um livro com dupla assinatura”, Bento XVI “não escreveu o livro a quatro mãos com o cardeal Sarah”.

3. O que é claro é que o objectivo do livro é opor-se tenazmente à ordenação de homens casados.

Não há dúvida de que Bento XVI se opõe a esta ordenação. Para ele, segundo os textos que continuam no livro de Sarah, há para o padre uma impossibilidade de um vínculo matrimonial, atendendo concretamente à celebração quotidiana da Eucaristia.

No entanto, Ratzinger nem sempre pensou assim, é bom lembrar. Em 1970, o então professor de Teologia escreveu um pequeno livro, Fé e futuro, resultado de uma série de palestras radiofónicas sobre como seria a Igreja do ano 2000, no qual se lê: “Certamente conhecerá também novas formas ministeriais e ordenará como sacerdotes cristãos provados, experimentados, que continuarão a exercer a sua profissão. Em muitas comunidades mais pequenas e em grupos sociais homogéneos, a pastoral será normalmente exercida deste modo. Juntamente com estas formas, continuará a ser indispensável o sacerdote dedicado plenamente ao exercício do ministério como até agora.”

O texto fatal é do cardeal Sarah: “Há um laço ontológico-sacramental entre o sacerdócio e o celibato. Qualquer enfraquecimento desse vínculo levaria a pôr em causa o magistério do concílio e dos Papas Paulo, João Paulo II e Bento XVI. Peço humildemente ao Papa Francisco que nos proteja definitivamente de tal possibilidade, vetando qualquer enfraquecimento da lei do celibato sacerdotal, mesmo limitado a uma ou outra região.”

Este é que é, no meu entender, o ponto essencial da tomada de posição do livro em defesa do celibato sacerdotal. Ora, esta afirmação é inadmissível, até do ponto de vista histórico: não é sabido que havia apóstolos casados, incluindo São Pedro? Não foi apenas no segundo milénio do cristianismo que se foi impondo a lei do celibato obrigatório? Mas, mesmo neste enquadramento, a lei não se estendeu à Igreja católica oriental, onde há padres casados, e Bento XVI decretou que os padres anglicanos que

entrassem na Igreja católica continuariam com a sua família. A actual norma do celibato obrigatório não provém de Jesus, que não a impôs aos Apóstolos. São Paulo, estou a citar o teólogo José M. Castillo, afirmou que ele como os outros apóstolos tinham o direito de ir acompanhados por uma mulher cristã, lê-se na Primeira Carta aos Coríntios, e, nas Cartas a Timóteo e a Tito, diz-se que os candidatos aos ministérios eclesiais, incluindo o episcopado, devem ser homens casados com uma mulher, que saibam governar a família, porque “quem não sabe governar a sua própria casa, como vai cuidar da Igreja de Deus?”. Além disso, é sabido que no concílio ecuménico de Niceia, o bispo Pafnúcio, celibatário e venerado confessor da fé, gritou perante a assembleia conciliar “que não se devia impor aos homens consagrados esse jugo pesado, dizendo que é também digno de honra o acto matrimonial e imaculado o próprio casamento; e que não danificassem a Igreja exagerando a severidade.” Onde se quer então fundamentar esse “vínculo ontológico-sacramental entre o sacerdócio e o celibato”? Ele não existe

pura e simplesmente. É falsa a ideia de que através da ordenação o padre entraria e ficaria num grau superior de ser em relação aos outros fiéis, como é falsa, consequentemente, a ideia de que o fim do celibato retiraria ao padre esse lugar especial sagrado, que realmente não tem. De facto, o sacerdócio ministerial é apenas um serviço ao único sacerdócio real que é o de todos os baptizados: o padre ou o bispo não são mais cristãos do que os outros cristãos, têm apenas uma função de serviço diferente, e na Igreja há variedade de serviços.

Ainda há-de aparecer quem me mostre onde é que no Novo Testamento Jesus ordenou alguém “in sacris”. Mas foi e é este pseudo-carácter sagrado especial do padre e do bispo que esteve e está na base dessa calamidade que o Papa Francisco não se cansa de denunciar: o clericalismo, que reivindica duas classes na Igreja: o clero e o leigo, com estatuto ontológico e não meramente funcional diferente.



4. Estou convencido de que, desta vez, Ratzinger acabou por ser utilizado e até manipulado. Ninguém sabe até que ponto. De qualquer forma, todo este episódio vem chamar a atenção para o estatuto do

que indevidamente se chama “Papa emérito”. De facto, nada justifica esse título. Pelo contrário. Significativamente, Francisco nunca se chamou a si mesmo Papa, mas simplesmente bispo de Roma. O Papa não é senão o bispo de Roma, e ao bispo de Roma está vinculada a missão da unidade da fé. Assim, Ratzinger é tão-só bispo emérito de Roma, mas não Papa emérito e, consequentemente, não deveria utilizar as vestimentas pontificias, que só criam a confusão de se pensar que há dois Papas. Até o cardeal Gerhard Müller, um dos representantes da ala mais conservadora da Cúria, veio lembrar: “Que não haja confusões! Não temos dois Papas, existe apenas um, Francisco. Diz-se Papa emérito por cortesia, mas na realidade Bento XVI é bispo emérito”.

5. Já este texto estava terminado, quando se soube que tudo indica que o Papa publicará ainda esta semana a Exortação pós-Sínodo sobre a Amazónia.

ANSELMO BORGES, Padre e professor de Filosofia.

in **DN**, 26.01.2020

<https://www.dn.pt/edicao-do-dia/26-jan-2020/cardeal-sarah-papa-emerito-e-francisco-11749387.html>

“Mãe há só uma!.. e papa também!”

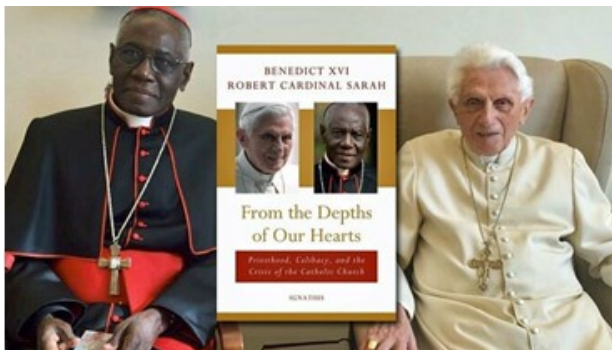
É uma autêntica heresia falar de “dois papas”, quando isso é feito, não em sentido sucessivo (diacrônico, como agora dizem os sábios), como sucede no comovente filme de Meirelles que ostenta este título, *mas com pretensões de simultaneidade*. **O livro do cardeal Sarah - *Do fundo do coração - dá-nos a impressão de se tratar de um cardeal e de um papa contra outro papa***, o que é algo como jogar em casa. Prescindindo da boa ou má intenção do seu autor (que não devemos ser nós a julgar), a capa do livro explorava essa linguagem de dois papas simultâneos.

Custa, no entanto, a acreditar que Ratzinger tenha querido aparecer, ali, como papa,

quando não quis assinar como Bento XVI o seu livro sobre Jesus, mas apenas como cardeal Ratzinger. Em segundo lugar, quem quer que tenha já publicado algo em conjunto com outro autor, sabe que, antes da publicação do livro, ambos os autores recebem as provas de impressão da obra, a fim de serem revistas. Ora, parece que, desta vez, elas não foram enviadas a Ratzinger, que se viu obrigado a pedir a retirada do seu nome, após a publicação do livro...

Este **lamentável episódio** contribuiu para vulgarizar a expressão “dois papas”, como se se tratasse duma expressão correta. Facto que foi utilizado pela direita eclesial, na sua cruzada contra Francisco, para fortalecer a sua oposição ao atual papa.

Não se trata, porém, de nada disso. **Neste momento, Ratzinger tem tanto de papa como Mariano Rajoy de presidente do governo.** Não passa de um simples cardeal da santa madre Igreja, como mais de cem outros. Os que falam de dois papas estão, simplesmente, a difundir uma heresia.



E as razões são bem claras: o episcopado é um sacramento, segundo declarou o concílio Vaticano II: faz parte do sacramento da ordem e, como tal, **“imprime caráter”** (expressão técnica que quer dizer que o bispo nunca mais deixa de o ser, mesmo se

renunciar ao cargo). O papado, porém, não é um sacramento, mas, apenas, um cargo, por mais importante que seja. Ora, os cargos não imprimem caráter: quando quem detém o cargo deixa de o exercer, volta a ser aquilo que era antes, neste caso, um simples cardeal como tantos outros. O papa é, apenas, o bispo de Roma. E, na Igreja, não pode haver uma diocese com dois bispos exercendo o mesmo cargo (há quem questione, mesmo, a figura do bispo auxiliar). Portanto, o livro citado não é escrito por um papa e um cardeal, mas sim por dois cardeais...

Além disso, a própria palavra papa deriva de “pater patrum” (o pai dos pais). Foi, exatamente, por isso que São Gregório Magno (no século VI) a rejeitou, devido ao seu significado universal: é que

invadia a dignidade dos outros bispos. Mas, mesmo no caso de a aceitarmos, isso não significa que existam dois pais universais.

Por ambas estas razões, **o empenho de continuar a atribuir a Ratzinger a dignidade papal é uma heresia**, muito embora a direita eclesial queira servir-se disso para fortalecer a sua oposição a Francisco. Talvez fosse ocasião de explicar a essa ultradireita que eles, que tanto divinizavam o papa, estão, neste caso, a sugerir uma linguagem como se de “dois deuses” se tratasse. E esta negação do monoteísmo é a máxima aberração que um cristão pode cometer! A extrema direita, porém, costuma incorrer neste tipo de incoerências: como se considera detentora da verdade absoluta e total, julga também que, para defender a sua verdade, tudo lhe é permitido.

A história vai-nos fornecendo todas estas lições. E convém aprender com ela, a fim de regular mais e melhor as condições da demissão de um papa que, com certeza, se repetirão no futuro. O papa demissionário não deverá vestir de branco; será preferível que regresse ao seu país (com certeza que Ratzinger teria sido muito bem recebido na abadia de Beuron, ou de Maria Laach, ou em muitos outros sítios). E se preferir continuar a utilizar o seu nome de papa, poderá fazê-lo, no mesmo sentido em que hoje nos referimos a Pio XII ou a João XXIII.

De qualquer modo, e seja qual for a perspectiva, **a oposição a Francisco desautorizou-se ao máximo a ela própria**, ao pretender tirar partido da expressão “dois papas”. E desautorizou-se devido a algo que, de nenhum modo, pertence ao conteúdo da fé, não passando de um simples preceito disciplinar: o celibato ministerial. Preceito que pode ter toda a abrangência de significado que lhe atribui o cardeal Sarah, e com a qual eu estou de acordo. Mas que, nem por isso, se converte numa verdade de fé.

Talvez por isso valha a pena recordar a este cardeal, para o presente caso, aquelas duras palavras de Jesus: “hipócritas, por que descurais a vontade de Deus por causa das tradições dos vossos maiores?” (Mt 15, 3,7; Mc 7,8).

JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS

https://www.religiondigital.org/miradas_cristianas/Madre-faus-papas-benedicto-francisco-herejias_7_2199150070.html (28.01.2010)

Epístola a Diogneto

É um texto apologético, mas não é uma daquelas invectivas modernas contra os ateus empedernidos

A carta, escrita em grego, é endereçada a um Diogneto, o mesmo nome do tutor de Marco Aurélio, mas os especialistas dizem que não se trata desse Diogneto. Quem a escreveu não sabemos, talvez um dos santos mártires, Justino ou Luciano. Também não é possível estabelecer uma data, o manuscrito perdeu-se num incêndio, apenas se sabe que terá sido numa época de perseguições aos cristãos, talvez o último quartel do século II, embora os últimos capítulos do texto sejam um acrescento tardio. Mas nem todas essas dúvidas e vicissitudes diminuíram o meu interesse por esta epístola antiga, que descobri, por acaso, na semana da Páscoa.

A “Epístola a Diogneto” é um texto apologético, mas não é uma daquelas invectivas modernas contra os ateus empedernidos; trata-se, bem pelo contrário, de uma conversa com um pagão de boa vontade, um cidadão do Império que perguntou quem é aquela gente, os cristãos, como se comportam, em que acreditam. Embora a carta contenha diversas alusões bíblicas, o texto não é catequético, ainda menos dogmático, e usa

formulações estranhas, mais convicções pessoais de que proclamações doutrinárias. E o estilo é sucinto, eloquente, convincente, como quando o autor pede a Diogneto isto e apenas isto: que esteja disposto a ouvir “uma nova história”.

É verdade que são estranhos aqueles cristãos, explica o autor da carta, os cristãos daquele tempo; não se importam com o mundo, desprezam a morte, e ignoram os deuses pagãos, deuses de pedra, de bronze, madeira, de prata, ferro, deuses de barro, materiais perecíveis. Também

não querem saber das práticas judaicas, diz o autor, de interdições alimentares, superstições de calendário, ou não queriam, os cristãos daquele tempo. São gente estranha mas que não se distingue dos outros cidadãos, vestem as mesmas roupas, têm os mesmos usos, vivem onde os outros vivem: “Todo o país estrangeiro é para eles uma pátria, e toda a pátria um país estrangeiro.” São estranhos porque não cultivam o domínio, a posse, mas a entreatjada, a mansidão. E quando querem persuadir, aqueles cristãos, usam a palavra, não a força, “porque a força não é um atributo de Deus”, frase espantosa.

A passagem mais tocante da carta é aquela em que, a partir do Génesis, se imagina uns cristãos que não seriam bem os cristãos daquele tempo, perseguidos, apocalípticos, nem os cristãos do nosso tempo, cépticos, exaustos, uns cristãos possíveis. A carta lembra que Adão e Eva, desobedecendo, comeram da árvore do conhecimento, mas que a árvore da vida e a árvore do conhecimento não se distinguem: “Porque nem há vida sem conhecimento, nem conhecimento sólido sem verdadeira vida; por isso uma árvore está junto da outra.” No nosso tempo de agora, em que tantos cristãos querem voltar aos subterrâneos, é reconfortante encontrar estas palavras antigas: “Porque o homem que supõe saber alguma coisa sem o verdadeiro conhecimento que é testemunhado pela

vida, é ignorante, é enganado pela serpente, porque não amou a vida; enquanto aquele que, com cautela, reconhece e deseja a vida, planta a esperança e espera o fruto.”

É preciso recusar o mundo, recusar a vida, recusar as coisas? São esses os nossos inimigos? A propósito de jejuns e abstinências, mas não apenas disso, escreve o autor da carta: “Tomar algumas das coisas criadas por Deus para uso do homem como boas, mas recusar outras dessas coisas como inúteis e supérfluas, não é isso uma forma de impiedade?” Imagino Diogneto intrigado.

PEDRO MEXIA poeta, cronista e crítico literário português.
RevistaE – Expresso, de 19.04.2019

<https://leitor.expresso.pt/semanario/semanario2425/html/revista-e/fraco-consolo/epistola-a-diogneto>